



Performance viral: Estilo e trauma

Performance virale: Style et trauma

<https://doi.org/10.5281/zenodo.14910475>

Alexandre Lindo¹

Resumo

Este artigo, híbrido de relato e elaboração teórica, reflete sobre os processos de estudo articulando conceitos de estilo, trauma e performance na construção do programa performativo *Performance viral SARS-CoV-2 arteimunização* apoiado pela Lei Federal ALDIR BLANC 004/2021 da Secretaria de Cultura de São Caetano do Sul.

Palavras-chave: Corpo. Vírus. Estilo. Trauma. Performance.

Résumé

Cet article, hybride de récit et d'élaboration théorique, réfléchit sur les processus d'étude articulant les notions de style, de trauma et de performance dans la construction du programme performatif *Performance virale SARS-CoV-2 art-immunisation* soutenu par la loi fédérale ALDIR BLANC 004/2021 du Secrétariat de Culture de São Caetano do Sul.

Mots-clés : Corps. Virus. Style. Trauma. Performance.

¹ Ator-performer e pesquisador. Interessa-se pelos seguintes temas: coreografia, estética queer, estilística performativa, língua[-gem], performance autobiográfica, psicanálise, semiótica francesa e teatro de máscaras. Mestrando em estudos performativos pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Tem formação em Letras Modernas francês-português pela FFLCH-USP. Ator pela Fundação das Artes de São Caetano do Sul. E-mail: alexandreindo@gmail.com.

Performance viral SARS-CoV-2 arteimunização

O projeto *Performance viral SARS-CoV-2 arteimunização* teve sua aprovação publicada no dia 10 de novembro de 2021 no DOE do município de São Caetano do Sul. Ele tinha por objetivo a criação da performance viral SARS-CoV-2 arteimunização através da qual pudéssemos simbolizar frustrações e/ou expectativas que a pandemia de Covid-19 gerou nas pessoas por meio de objetos relacionais. Como explica Lygia Clark (1978, p. 1), esses objetos relacionais são definidos na relação pela fantasia do sujeito, sendo alvos de carga afetiva agressiva ou passional do mesmo.

A sensação corpórea provocada por tais objetos é o ponto de partida para a fantasmática do corpo. Que se decanta, simboliza, por meio de diversos materiais plásticos formados a partir do **experimento de um ateliê-clínica**. Para tanto, a linguagem performativa que borra a fronteira entre performer e espectador, fazer e ver, era o escopo fundamental na medida em que colocava o público como parte fundante, basilar, matéria prima do trabalho.

Para a teórica Erika Fischer-Lichte (2008) a performance é um sistema autopoietico que se regula através das relações entre performer-espectador. Por sua vez, Eleonora Fabião (2013), também teórica da performance, nos diz que o programa performativo não só é uma desconstrução da representação como é um motor de experimentação deflagrando relações, negociações com a matéria-mundo, e assim, investiga dramaturgias do corpo. Para a mesma um corpo pode ser visível ou invisível: corpo, ideia, texto, luz, ar, folhas, tudo se conecta. O importante é estar conectado e ver o que um programa performativo pode fazer acontecer. Eleonora Fabião (2013, p. 9) nos diz que:

O que a performance possibilita é uma ampliação da pesquisa sobre **cena** e sobre **presença** justamente por ser **cena-não-cena**. Transformá-la num método para levantamento de material é esvaziá-la de sua imediatidade, de sua urgência; é enquadrá-la numa funcionalidade que a descaracteriza e enfraquece – esta seria a arte de não fazer performance. Em outras palavras: assim como uma performance não é “ensaiável”, não faz sentido transformá-la em ensaio. Porém, **desdobrar** a performance realizada em novas experimentações – experiências de escrita, de criação dramaturgica, de teatro, de vida – isto sim me parece condizente e potente. Assim como

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 6, n. 1, p. 101-115, 2022.

percebo, **uma performance é um disparador de performances.**

O projeto concebido se coadunava com as colocações acima da pesquisadora, pois levava em conta “experiências de escrita, de criação dramaturgical, de teatro, de vida”. Ou seja, a máxima vida-arte por uma bioescrita condensando em diversas formas de expressão, conteúdos, produzindo arquivos plásticos, também documentos, desse período pandêmico. Isso também era um dos objetivos do projeto, pegar fragmentos dos modos de estudo, dos modos de fazer performance e dos modos de ensinar para a realização de uma oficina sobre a teoria da performance bem como uma minixposição com esses fragmentos de materiais para a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul².

O projeto se justificava por ampliar o entendimento de corpo, ao se questionar se um corpo é apenas todos os elementos bioquímicos que o compõem: estrutura óssea, músculos, sistema sanguíneo, linfático, neurônios, sinapses. A **noção de cuidado** se restringe apenas aos aspectos biológicos? Alimentar-se, vacinar-se...? Seríamos apenas essa massa amorfa de matéria biológica do mundo sem nenhuma dimensão de ligação com a linguagem? Quando pensamos em linguagem, pensamos numa estrutura heteróclita e complexa que age em nós mesmos, faz parte disso que recortamos e denominamos corpo. Mas um corpo é uma antropologia ecológica, para emprestar um conceito de Tim Ingold (2012), que o entende como uma coisa, um agregado de fios vitais, uma coisa-acontecer.

Aconteceres que se entrelaçam, donde a matéria psíquica: metabolismo linguageiro por fundamento ou a fantasmática do corpo vaza pelas coisas em performance. Como apontam Fabião e Alcure (2020, p. 182) “No plano das coisas humanas e não-humanas, de uma ‘ética da coisa’ como propõe André Lepecki, todos os tipos de matérias coconstituem-se”. Assim, a performance viral SARS-CoV-2 *arteimunização* atrelava-se à **elaboração psíquica de traumas**, rupturas, causados pelo longo isolamento da pandemia de Covid-19. E acabava por tocar em pontos como: insegurança afetiva, insegurança alimentar, insegurança econômica, medo de mortes, de perdas familiares, de amigos. Incerteza do futuro, projeções de um mundo pós-pandemia, excesso de sonhos, esgotamento, abatimento...

2 Cf. site da instituição: www.fpm.org.br. Acesso em: 17 nov. 2021.

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 6, n. 1, p. 101-115, 2022.

Para o filósofo e ensaísta sul-coreano Byung-Chul Han o vírus destaca a sociedade do cansaço. Para ele, até a inatividade a que o confinamento nos obriga nos causa fadiga. Han diz que a fadiga é uma doença da sociedade neoliberal do rendimento (ideia de empresa: venço sozinho). Nos autoexploramos sendo prisioneiros e vigia de nós mesmos, o que nos daria a sensação de liberdade. Mas isso só dilata nossa fadiga.

Síndrome da fadiga potencializada pelo vírus não esgota apenas os infectados, mas também os saudáveis. Ao dizer que a pandemia acentua o campo neoliberal, Han aponta a pressão interna que se robustece devido ao excesso de redes sociais, *lives* permanentes e teletrabalho. Ele afirma que ficamos exaustos com a falta de contatos sociais, a falta de abraços e de contato corporal com os outros. O que chama de rituais:

O vírus acelera o desaparecimento dos rituais e a erosão da comunidade. Mesmo aqueles rituais que ainda restavam são eliminados, como ir ao futebol ou a um show, sair para comer em um restaurante, ir ao teatro ou ao cinema. A distância social destrói o social. O outro se tornou um potencial portador do vírus, do qual devo manter distância. O vírus radicaliza essa expulsão do diferente que antes mesmo da pandemia diagnostiquei muitas vezes. Na verdade, o vírus atua como um amplificador das crises de nossa sociedade. [...] **a mera presença corporal do outro já tem algo que nos faz sentir felizes, que a linguagem implica uma experiência corporal, que um diálogo bem-sucedido pressupõe um corpo, que somos seres corporais.** [...] Rituais são processos de incorporação e encenação corporal. As ordens e os valores vigentes em uma comunidade são vivenciados e se consolidam no corpo. São consignados no corpo, são incorporados, ou seja, são assimilados corporalmente. Desse modo, os rituais geram um saber corporificado e uma memória corpórea, uma identidade corporificada, uma compenetração corporal. A comunidade ritual é uma corporação. A comunidade como tal tem uma dimensão corporal que lhe é inerente. A digitalização enfraquece o vínculo comunitário na medida em que tem um efeito decorporizador. A comunicação digital é uma comunicação descorporizada. (HAN, 2021, grifo nosso)

A vida, devido ao excesso da digitalização, fica fragilizada, pois o vírus acentua uma sociedade da sobrevivência sacrificando um bioma corporal (o humano). Bioma esse que, no prazer ritual do encontro entre pessoas, traz uma qualidade de vida.

O início do século XXI, do ponto de vista patológico, não seria nem bacteriano nem viral, mas neuronal. Doenças neuronais como a depressão, o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), o transtorno

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 6, n. 1, p. 101-115, 2022.

de personalidade *borderline* (TPB) ou a síndrome de *burnout* (esgotamento profissional) definem o panorama patológico neste início de século. (HAN, 2021)

Han também diz que em breve teremos vacinas suficientes contra o vírus. O que já temos! Mas não haverá vacinas contra a pandemia global da depressão. A depressão é um dos fatores do suicídio, o qual se agrava com a pandemia. O vírus é um catalisador da depressão. E em nível mundial, muito pouca atenção ainda é dada às **consequências psíquicas da pandemia**, afirma. O filósofo sul-coreano finda seu texto dizendo que o vírus SARS-CoV-2 sobrecarrega nossa sociedade do cansaço, radicaliza distorções patológicas e poderia ser chamado de vírus do cansaço. Ele também mantém pontes com o sentido etimológico de *Krisis*, que significa “ponto de inflexão”, ou seja, um chamado à mudança. Encontrar uma nova forma de vida que nos torne imune ao vírus do cansaço.

Esse era o norte do projeto bem como os aspectos que o conjunto de práticas desejava tocar por meio da performance, do corpo e do ritual, dando voz a processos inconscientes para nós mesmos e para o público. Como estamos respondendo ao vírus: **performance viral** disparadora de performances das quais a partilha de matérias do ateliê-clínica *SARS-CoV-2 arteimunização* serviria *a posteriori* para a composição da minixposição de artes plásticas.

Tudo está conectado, vivemos em rede, e no limite, não há distinção do vírus da Covid-19 enquanto performer. Ele performou em nós toda uma nova realidade social que não estávamos acostumados, ele performou em nós sentimentos angustiantes. Ele e a cultura juntos desenhando as mudanças e as crises por que passamos. A professora e pesquisadora Erika Fischer-Lichte em seu texto “Realidade e ficção no teatro contemporâneo”, com tradução de Marcus Borja, nos aponta a crise do estatuto da linguagem quando diz que:

O que é que se passa no momento do deslocamento, isto é, no momento exato em que a ordem de percepção que existia até então é perturbada, mas em que a outra ordem ainda não foi estabelecida: esse momento de passagem da ordem de presença à ordem de representação ou inversamente? Aparece um estado de instabilidade. Ele transporta o sujeito perceptor entre duas ordens em um estado intermediário. Desta forma, o sujeito perceptor encontra-se num umbral – o umbral que informa e marca

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 6, n. 1, p. 101-115, 2022.

a passagem de uma ordem a outra. O antropólogo Victor Turner chamou o fato de encontrar-se num tal umbral de 'liminaridade' (TURNER, 1969). Por isso, pode-se concluir que o deslocamento transporta o sujeito perceptor a um estado liminar. [...] A experiência estética [contemporânea]... deve ser considerada como uma experiência liminar, como a experiência de estar no 'entre-dois', assim como exprimiu Victor Turner (1969, p. 95), como uma experiência de crise. (FISCHER-LICHTE, 2013, p. 21)

A experiência do entre-dois, de crise, condiz com nossa performance viral, pois é a partir das crises pessoais e também da crise das linguagens, de identidade e de estatuto epistemológico com demarcações fluidas de território como aponta Silvia Fernandes, que podemos entrever algo não somente de fruição estética, mas de imunização e alívio psíquico pela arte. Uma espécie de 1ª, 2ª, 3ª e 4ª doses de *SARS-CoV-2 arteimunização* que cria diversos tipos de arquivos e documentos, sendo um material importante para o registro histórico pandêmico pela qual a cidade de São Caetano do Sul e o mundo passam.

O início das práticas de estudo

As práticas de estudo pautaram-se pela leitura de diversos textos acadêmicos: ensaios, artigos, matérias jornalísticas, documentários, etc. Para depois serem apresentados em forma de seminário via plataforma de videoconferência seguidos de diálogos. Esse conjunto todo foi gravado como *materialpodcast* e disponibilizado no *youtube*.

A primeira orientação dada no dia 11 de novembro de 2021 foi a de começar o estudo com o texto de Richard Schechner (2002, p. 28-51) sobre "O que é performance?", presente no livro *Performance studies: an introduction*. Foi pedido às participantes (Cleide Amorim, Marcela Maia e Nathalia Karen) para que lessem esse texto e fizessem, cada uma, uma espécie de síntese do conteúdo, um mapa, uma cartografia pessoal, para que ao fim desses modos de estudo produzíssemos um discurso plástico. Mapa-collage com diversos materiais dali oriundos (o projeto estava estruturado em: modos de estudo, modos de fazer e modos de ensinar).

No dia 17 de novembro de 2021, relatei que o coração do projeto eram as proposições de Lygia Clark. No nosso primeiro encontro, como havia proposto no projeto,

partimos da investigação sobre as imagens do inconsciente fazendo um movimento que saía da clínica e ia para a arte (Nise da Silveira) e outro que era o que mais nos interessava, saía da arte e ia para a clínica (Lygia Clark), entretanto, mantém-se aí, na verdade, uma relação tensiva, fronteira entre arte-clínica, o que é o mais interessante em Clark. O que chamei de Ateliê-clínica.

Com isso, os primeiros impulsos do projeto podem ser consultados pela leitura de matérias, documentários, pesquisa de textos em portais, etc. como seguem: 1) “Arte e saúde mental: uma relação histórica no Brasil” (ABDALLA, 2020); 2) “Adelina Gomes – no reino das mães (*Imagens do inconsciente*, de Leon Hirszman) (IMAGENS..., 2022); 3) “Nise da Silveira – posfácio: imagens do inconsciente” (NISE, 2022); 4) “Lygia Clark, por Franz Manata | Curta!” (LYGIA..., 2022); 5) “Lygia Clark: 10 obras para conhecer a artista contemporânea” (LYGIA..., 2022); 6) Neste sexto movimento, aprofundamos a investigação no <https://portal.lygiaclark.org.br/> (PORTAL..., 2022) dando especial atenção ao ano de 1978, recorte temporal onde aparece as folhas que Clark datilografou sobre os objetos relacionais. Porque é com base neles que propus experimentar o ateliê-clínica no parque Espaço Verde Chico Mendes. Nesse mesmo espaço ainda observamos a Não Arte: Objetos Sensoriais, Nostalgia do Corpo, Fantasmática do Corpo e O Método Terapêutico. Para em seguida assistir ao documentário: memória do corpo de Lygia Clark. Por fim, pedi a leitura de “Performance e precariedade”, de Eleonora Fabião (2011), integrante do livro *A performance ensaiada: ensaios sobre performance contemporânea*. Depois de ter se alimentado de todos esses textos, perguntei qual relação poderíamos estabelecer entre Schechner e Lygia Clark? Quais relações entre Schechner, Clark e a pandemia de Covid-19? Pedi para não esquecerem de produzir materiais plásticos de estudo, o que nos daria um mapa, uma cartografia dos modos de estudo de cada participante, o que levava em conta o processo cumulativo das práticas de estudo.

No dia 04 de janeiro de 2022, com a apresentação de Lygia Clark bem como seu texto “Objeto relacional” e suas práticas terapêuticas, ao longo dos diálogos relatei que a **clínica**, segundo Christian Dunker, era um **conjunto de processos**. De procedimentos. E

que para ele, ao colocar-se em frente a uma outra pessoa (“paciente”) já se estava numa experiência de cura. Para Dunker, a psicanálise conversa com muitas áreas como a literatura e as ciências da linguagem. Tem a ver com técnicas de linguagem: produção de uma escuta poética, poesia, música, jogos de linguagem, forma, tempo e intensidade na forma de devolução de respostas. A psicanálise para Dunker exige uma diagnóstica (sintoma), exige uma semiologia (O QUE É A CLÍNICA..., 2022) — que prefiro chamar de **semiose** devido à minha pesquisa de mestrado. Para a semiótica discursiva de linha francesa, semiose é a união de um plano do conteúdo com um plano da expressão. A essa união (função semiótica) dá-se o nome de texto³. Mas ela se ampliou como um conjunto de práticas em processo que podemos ler como texto. Um **texto** é uma **semiose**, **percepção conotada**, filtragem do mundo segundo nossas experiências-vivências. E segundo Norma Discini (2015, p. 156), que retoma Merleau-Ponty, “a **percepção já estiliza**”. Ainda segundo a professora-semioticista, “a percepção como semiose encontra manifestação na escala de estesia do lógos, considerado constitutivamente conotado” (DISCINI, 2015, p. 244). **Estesia é sensibilidade**. A sensibilidade do discurso pode aumentar tanto que posso borrar os contornos do mundo, pense em pinturas de aquarela, poesias, relatos/depoimentos, etc. Márcio Seligmann-Silva (2002, p. 137) diz em *Literatura e Trauma* que:

aprendemos que o elemento traumático do movimento histórico penetra nosso presente tanto quanto serve de cimento para nosso passado — e essas categorias temporais não existem sem a questão da sua representação, que se dá tanto no jornal, na televisão, no cinema, nas artes, como na fala cotidiana, nos nossos gestos, sonhos e silêncios e, enfim, na literatura.

Assim, podemos fluir por todos esses diversos gêneros e essa fluidez, plasticidade de gênero, pode ser apreendida, por exemplo, em **performances autobiográficas**. Para Janaina Leite, essa ideia está na **base do pensamento psicanalítico**, que entende a autobiografia como **pesquisa de si**. (LEITE, 2014, p. 16). E dando continuidade aos apontamentos de Dunker (2022), uma etiologia (causa). A escuta poética é uma arte de

3 Texto não significa apenas a linguagem verbal, mas um conjunto significante de outras linguagens. A semiótica alarga a noção de texto. Cf. LINDO, A. D. C. Práticas Abissais. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**. São Paulo, v. 21, n. 2, p. 272-289, maio/ago. 2021.

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 6, n. 1, p. 101-115, 2022.

escolher os signos. Isso tem a ver com a produção de uma resposta que dá um acabamento plástico-discursivo sobre si mesmo e sobre o outro.

No dia 05 de janeiro de 2022 a orientação foi para que os textos abaixo fossem lidos para os próximos seminários. 1) “Práticas abissais” (Alexandre Dias Cardoso Lindo). *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*. São Paulo, v. 21, n. 2, p. 272-289, maio/ago. 2021; 2) *Performance, teoría y práctica* (Diana Taylor) e 3) “Programa performativo: o corpo-em-experiência” (Eleonora Fabião).

No dia 08 de janeiro de 2022 discutimos o texto de Richard Schechner. sobre comportamento restaurado ou reiterado e sua relação com aspectos traumáticos e também uma de suas funções com a cura e as relações entre práticas xamânicas (forma antiga de medicina) e a psicanálise. Aproximando essa relação do *clown*/palhaço na medida em que o *clown*/palhaço diz respeito a uma mitologia pessoal trabalhando por via negativa e com isso faz ponte com as formações do inconsciente (sonhos, chistes, repetições, trauma, atos falhos), o avesso, o frágil, o oculto em contraposição à persona social (que se firma em certezas e saberes racionais e conscientes). Isso tem a ver com uma escuta de si, uma escrita de si, portanto com performance autobiográfica, dançar psicanaliticamente, “psicanapiruliticamente”, dançar os traumas, retomar sombras, retrabalhar imagens de si próprio. Com isso penso o *clown*/palhaço menos com a tradição circense e teatral e mais com a articulação dessa máscara à Estruturação do Self de Lygia Clark. *Ser para a vida*. A total afinidade da relação entre esses pontos tem fundamentação em vivência própria de pesquisa pessoal. E também na descrição do artigo de Ricardo Puccetti *O Clown através da Máscara: uma descrição metodológica* (que busca retratar o intercâmbio técnico realizado pelo LUME com a *clown* canadense Sue Morrison), entre os pontos que Puccetti apresenta é que “o *clown* não tem que se preocupar em fazer nada, muito menos ser engraçado”, “o *clown* existe no espaço do ‘não-sei’, onde todas as possibilidades estão abertas, que o *clown* vive e acontece”, para Puccetti ele também se relaciona ao feiticeiro, à cura de “doenças sociais”, ao sagrado, como o palhaço sagrado Hotxuá, e portanto, podemos estender às práticas xamânicas. Ele tem uma função de espelho na sociedade, de cura, curador. Um ponto fulcral que Puccetti apresenta no artigo mencionado acima é que “através da **máscara** o

inconsciente pode fluir mais plenamente”. A máscara ganha, podemos dizer, uma função fantasmática porque ele relaciona a ela a noção de fantasma do Butoh. “O fantasma é quem dança, não você”. Isso abre diálogo com a produção fantasmática de que fala Lygia Clark. A máscara não esconde, ela revela e potencializa o jogo do inconsciente ao diminuir o controle racional, busca camadas mais profundas do ser, está aberta para o campo do não saber, do vazio, e ao princípio do não-sei, fundamentais para a máscara do *clown*. Ele está “entre”, na relação, exatamente como Richard Schechner conceitua performance: como “entre”. Neste “entre” o *clown* está em relação com suas pulsões, com o público e tudo mais. Como o *clown* e a performance quebram padrões, acabou-se por discutir também performances de gênero e performances culturais como forma de combate e rebelião às culturas agressivas que execram outras formas de vida como a comunidade LGBTQIAPN+, a comunidade negra, etc. performances, literalmente, mudam vidas, criam mundos. Assim, fomos pensando quais práticas seriam essenciais para o projeto refletindo sobre os dois anos de confinamento que abalaram psicologicamente as pessoas. E nesses processos de estudo se imbricavam: objetos relacionais, performance viral e a ideia de rarefação da máscara do *clown*/palhaço indo cada vez mais para a pessoa em ato.

No dia 11 de janeiro de 2022 o texto “Performance e precariedade”, de Eleonora Fabião, foi discutido, e nele vimos a articulação de Fabião com as proposições de Lygia Clark. Para a autora do texto, a noção de precariedade encontrada nos escritos de Clark era fundamental para pensar performance. E, tão antiga quanto o ritual, performance entrelaça estética, medicina e espiritualidade como as práticas medicinais e espirituais de xamã, iogues e ascetas via experimentações psicofísicas. Fabião (2011, p. 66, grifo nosso) afirma que

performances são elogios do precário porque desestabilizam mecânicas comportamentais, rotinas cognitivas, e hábitos de valoração [...] desfixam sentidos, desmontam convenções, suspendem o estabelecido, o performer investe na potência vital da precariedade, na condição de instabilidade, relatividade, indefinição, **em favor da permanente renovação de si, do meio e da arte.**

Ponto central isso para a performance viral, depois de 2 anos de processos de isolamento, de traumas/rupturas. E isso se liga à articulação teórica entre palhaço, carga

Dramaturgia em foco, Petrolina-PE, v. 6, n. 1, p. 101-115, 2022.

afetiva, psicanálise e experiência de cura a partir das formações do inconsciente, pesquisa de si e a via negativa de trabalho da máscara com a produção fantasmática e a Estruturação do Self, proposta estético-terapêutica de Clark. Que é fricção, campo híbrido, sendo ao mesmo tempo clínica e arte. Arte-clínica. Ateliê-clínica em espaço público, pesquisa própria do autor deste artigo.

É realmente esse campo tenso que interessa: um ateliê-clínica como propus no projeto *performance viral SARS-CoV-2 arteimunização* dentro do parque Chico Mendes pensando na potência do precário e no deslocamento espacial ao propor uma clínica em espaço aberto, um corpo estranho, que não deixa de ser uma forma de resposta imunológico-artística ao vírus SARS-CoV-2.

No dia 15 de janeiro de 2022 foi discutido o reconhecido ensaio de Peggy Phelan (2011) sobre “A ontologia da performance”, com a qual também se articulou a noção de teatralidade de outra renomada pesquisadora e teórica da performance, Josette Féral (2015). A primeira coloca a noção de ausência, desaparecimento, desmaterialização como fundamental característica da performance, documentar a performance já é outra coisa. A segunda nos diz que a teatralidade é uma operação cognitiva e mesmo fantasmática do sujeito. E isso faz corpo com aquele corpo estranho ateliê-clínica no parque. Ambos conceitos foram articulados para pensarmos performance viral e traços biográficos operando no parque.

Philippe Willemart (professor aposentado de literatura francesa no departamento de francês da USP), em *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*, diz que “todo romance, poesia, drama ou obra em geral [a qual inclui teatro, dança e/ou performance] é acionado por um pedaço ou um **grão de gozo** que inclui a **dor**.” (WILLEMART, 2009, p. 29). E continua na página seguinte (30): “[...] O grão de gozo ou o pedaço de real (“le bout de réel”), como dirá Lacan, conduz o jogo, levando o escritor a se dizer, a dessubjetivar-se, para renascer como *autor*.”

Com a trajetória discursiva até o fim dos modos de estudo em 29 de janeiro de 2022, fomos esboçando o que já poderia ser um primeiro programa performativo, uma dramaturgia do corpo de duas horas de ações no Espaço Verde Chico Mendes divididas

em 4 tempos de 30 minutos cada.

Teríamos uma estrutura-instalação experimento de um ateliê-clínica dentro do parque formada por um tapete de sala cinza, um suporte de telas com placa preta para escrita com giz, uma caixa organizadora com diversos materiais plásticos: tintas para tecido, folhas de EVA, cola, tesoura, caderno-depoimento, plástico bolha, produtos de aromaterapia, chá, etc. Uma caixa de som, 4 almofadas, 4 máscaras transparentes de policarbonato e 4 narizes de palhaço para quatro performers realizarem as seguintes ações: 1) uma festa DJ Maya “para sobreviventes Covid”, 2) uma coreografia com plástico bolha terminando numa escuta poética com som de ASMR ao fundo, 3) uma prática de meditação finalizada com aromaterapia (óleo essencial) e 4) um ritual do chá com deslocamento do público até as árvores. Sendo a criação da “obra” a própria imanência do ato com os participantes, como colocava Lygia Clark.

Elaboração teórica

Segundo Richard Schechner, “‘Fazendo’ é a atividade de todos que existem, dos quarks até seres conscientes e cordas supergaláticas.”. Vírus é corpo. Se a desregulação do sistema imunitário como o excesso de distanciamento, isolamento, confinamento, *lockdowns* destroem o social como já apontou Byung-Chul Han, uma performance viral é corpo-tarefa, biopolítica, ação, arteimunização, que convoca o corpo coletivo em prol da saúde psíquica por meio de elaboração de práticas artísticas e fragmentos fantasmáticos que servem a renovações de si, do meio e do mundo.

Tais elaborações e escolha de fragmentos fantasmáticos, grão de gozo ou pedaço de real que irrompe na cena-não cena, coadunam-se ao trauma coletivo (pandemia de covid-19) e ao trauma individual (produção fantasmática do sujeito) vindo à tona por uma percepção conotada do mundo que, como vimos, é estilo. Assim, percepção estiliza e estilizando na medida que escolho, coreografa os materiais oriundos do jogo tensivo consciente-e-inconsciente do acontecimento traumático. Isso nos respalda poder pensar numa estilística do trauma para performances que trabalham dentro desta seara estética.

Referências

ABDALLA, Yasmin. Arte e saúde mental no Brasil. Editorial (27 mar. 2020). Disponível em:

<https://www.sp-arte.com/editorial/arte-e-saude-mental-um-relacao-historica-no-brasil/>. Acesso em: 17 nov. 2021.

CLARK, Lygia. Objetos relacionais (1978). Disponível em:

<https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/7116/objetos-relacionais>. Acesso em: 17 nov. 2021.

DISCINI, Norma. **Corpo e estilo**. São Paulo: Contexto, 2015. 383p.

FABIÃO, Eleonora. Performance e precariedade. In: OLIVEIRA JUNIOR, Antonio Wellington de (Org.). **A performance ensaiada**: ensaios sobre performance contemporânea. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: o corpo-em-experiência. **ILINX – Revista do LUME**, n. 4, dez. 2013. Disponível em:

<<https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/276>>. Acesso em: 07 set. 2021.

FABIÃO, Eleonora; ALCURE, Adriana Schneider. Arte agora: partilha de matérias.

Concinnitas, Rio de Janeiro, v. 21, n. 37, p. 179-196, 2020. Disponível em:

https://www.academia.edu/43326936/arte_agora_partilhas_de_mat%C3%A9rias_art_now_sharing_matters. Acesso em: 07 set. 2021.

FÉRAL, Josette. **Além dos limites**: teoria e prática do teatro. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FERNANDES, Silvia. Teatralidade e performatividade na cena contemporânea.

Repertório, Salvador, n. 16, p. 11-23, 2011. Disponível em:

<<https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/5391/3860>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

FISCHER-LICHTE, Erika; BORJA, M. Realidade e ficção no teatro contemporânea. **Sala Preta**, v. 13, n. 2, p. 14-32, 2013. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/69073>>. Acesso em: 07 set. 2021.

FISCHER-LICHTE, Erika. **The transformative power of performance**. A new aesthetics.

Translated by Saskya Iris Jain. Routledge, 2008. (Simultaneamente publicado nos EUA e no Canadá, conforme recurso eletrônico).

HAN, Byung-Chul. Teletrabalho, Zoom e depressão: o filósofo Byung-Chul Han diz que exploramos a nós mesmos mais do que nunca. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-03-23/teletrabalho-zoom-e-depressao-o-filosofo-byung-chul-han-diz-que-nos-exploramos-mais-que-nunca.html?event_log=fa&fbclid=IwAR0OVubgLkmSQG75_skBhEyCFcJHrAP5cMWlvaRF31XrNpPcG0B43qJ9yQw&event=fa&event_log=fa>. Acesso em: 22 set. 2021.

IMAGENS do inconsciente. Episódio Adelina Gomes – no reino das mães Direção: Leon Hirszman. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FxYx4obbARE>. Acesso em: 17 nov. 2021.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida. Emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

LEITE, Janaina Fontes. **Autoescrituras performativas**: do diário à cena. São Paulo: Perspectiva, 2017. [Uso: Dissertação de mestrado: recurso eletrônico, 2014, 119f.].

LYGIA Clark, por Franz Manata | Curta! Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KW-s1VbTf_8. Acesso em: 17 nov. 2021.

LYGIA Clark: 10 obras para conhecer a artista contemporânea. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/lygia-clark/>. Acesso em: 17 nov. 2021.

MEMÓRIA do corpo. Direção: Lygia Clark. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c3VU6KtfhSI>. Acesso em: 17 nov. 2021.

NISE da Silveira – posfácio: imagens do inconsciente. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EDg0zjMe4nA&t=21s>. Acesso em: 17 nov. 2021.

O QUE É A CLÍNICA psicanalítica? Apresentação de Christian Dunker. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dwd6pXZIMGo>. Acesso em: 17 nov. 2021.

PHELAN, Peggy. **Ontología del performance**: representación sin reproducción. In: TAYLOR, Diana, y MARCELA A. Fuentes (edits.) *Estudios avanzados de performance / ed. e introd. general de Diana Taylor, ed. e introd. de cada capítulo de Marcela A. Fuentes; trad. de Ricardo Rubio, Alcira Bixio, Ma. Antonieta Cancino, Silvia Peláez.* - México: FCE, Instituto Hemisférico de Performance y Política, Tisch School of the Arts, New York University, 2011. 631p.

PORTAL Lygia Clark. Folhas que Clark datilografou sobre os objetos relacionais. Disponível em: <https://portal.lygiac Clark.org.br/>. Acesso em: 17 nov. 2021.

PUCCETTI, Ricardo. O clown através da máscara: uma descrição metodológica. **ILINX – Revista do LUME**. v. 1, n. 1, 2012. Disponível em:
<<https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/194>>. Acesso em: 07 set. 2021

SCHECHNER, Richard. O que é performance? In: _____. **Performance Studies: an introduction**, second edition. New York & Londres: Routledge, 2002, p. 28-51.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e Trauma. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 13, n. 3. p. 135-153, set.-dez. 2002. Disponível em:
<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643943>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

WILLEMART, Philippe. **Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Submetido em: 01 fev. 2022

Aprovado em: 13 jun. 2022